

## EDUCAÇÃO E HISTÓRIA EM KANT ALGUNS ENTRELAÇAMENTOS?

Rejane Margarete Schaefer Kalsing\*

### RESUMO:

**Sobre a pedagogia**, a mais conhecida obra do filósofo Immanuel Kant sobre o tema educação, é muitas vezes considerada uma obra do *suposto* período de senilidade do filósofo, por ter sido publicada um ano antes de sua morte, ou seja, em 1803. Contra este parecer, no entanto, depõe o fato da ocorrência de idéias similares, ao menos, senão repetição mesmo de certas ideias que ocorrem em sua filosofia da história, como, por exemplo, nas obras **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita** e **Início conjectural da história humana**. Essas ideias são, entre outras, a evolução do ser humano da *animalidade à humanidade*; o fato de o ser humano não poder utilizar somente o *instinto*, necessitando extrair de si mesmo determinadas qualidades, através do exercício de sua razão; a *ideia de uma determinação da humanidade ou de um fim mais alto da humanidade*, que é a determinação moral. O objetivo do presente artigo é tratar das possíveis relações ou entrelaçamentos entre essas três obras.

**Palavras-chave:** animalidade-humanidade; razão; determinação moral da humanidade.

### 1 INTRODUÇÃO

Immanuel Kant é um dos mais eminentes filósofos de todos os tempos, em função, pode-se dizer, da sua imensa e profunda obra filosófica. É conhecido principalmente seu *sistema crítico*, que inclui as denominadas *três críticas* e diversas obras escritas dentro do chamado *período crítico* como, por exemplo, a *Fundamentação da metafísica dos costumes*. No entanto, há obras escritas, ou ao menos publicadas, posteriormente a esse período e que parecem ter relação, vinculação com o mesmo, ao menos com as obras práticas e, mais especificamente, com as relativas à ética, filosofia da história e filosofia política, por exemplo. Esse parece ser o caso de **Sobre a pedagogia**.

A obra **Sobre a pedagogia** não teve, e continua não tendo, no meio acadêmico a

---

\* Mestra em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC e Professora do Instituto Federal de Educação Catarinense, Concórdia, Santa Catarina – Brasil. E-mail: [rejane.kalsing@yahoo.com.br](mailto:rejane.kalsing@yahoo.com.br).

atenção que merece. Isso deve, talvez, ao fato de ter sido publicada pela primeira vez em momento posterior ao chamado *período crítico* da filosofia kantiana, a saber, em 1803. E, em função disso, muitas vezes é considerada como uma obra de um *suposto* período de senilidade do filósofo. Além disso, outro fato que parece contribuir para isso é que foi publicada por um discípulo de Kant, denominado Theodor Rink, texto, o qual, entretanto, teria sido revisado por Kant antes da edição (conforme ROANI, 2007, 16, nota de rodapé nº 08) (conforme também KANT, 1996, p. 05, Prefácio à edição brasileira.).

No entanto, como nos chama a atenção Mário Nogueira de Oliveira a respeito das obras tardias, por assim dizer, de Kant,

o argumento de que os últimos escritos de Kant são frutos de um período de senilidade, junto à grande repercussão das obras anteriores à década de 1780, quase nos limitou a uma interpretação do pensamento ético de Kant em que estudos sobre antropologia, psicologia, biologia, *história*, educação ou qualquer outro de cunho empírico contribuía pouco nos trabalhos sobre a aplicabilidade de sua ética (OLIVEIRA, 2006, p. 69, *itálicos acrescentados*.).

De acordo com Oliveira, então, a obra **Sobre a pedagogia**, dentre outras, poderia ser incluída no conjunto do pensamento ético de Kant, isto é, ela parece ter vinculação com a sua ética, a qual muitas vezes é apenas compreendida como circunscrita ao que foi escrito e publicado por Kant dentro do período crítico. É a tal vinculação que se refere no início deste texto.

E essa compreensão mais ampla do pensamento ético de Kant, incluindo obras sobre antropologia, psicologia, biologia, história, educação, por exemplo, numa palavra, obras que possam ter um cunho mais empírico, está começando a ganhar corpo, por assim dizer, como novamente destaca Oliveira

em anos muito recentes contamos com alguns trabalhos que abordam a *história*, a antropologia e a pedagogia como constituintes de uma compreensão mais ampla da ética kantiana, apontando aí já os temas da formação moral e do caráter [cf. Munzel, 1999, Louden, 2000, Banham, 2003, Wood, 1999] (Idem, *itálicos acrescentados*.).

Isso foi, de certa forma, um breve panorama apenas para minimamente contextualizar a obra

**Sobre a pedagogia** e tentar mostrar a sua relevância para a filosofia kantiana. O objetivo do presente artigo é tratar das possíveis relações ou entrelaçamentos entre essa obra e algumas outras, da filosofia da história de Kant, como, por exemplo, **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita** e **Início conjectural da história humana**.

## 2 AS TRÊS PARTES DA EDUCAÇÃO PARA KANT

Kant inicia **Sobre a pedagogia** com a frase “o ser humano é a única criatura que precisa ser educada” (KANT, Päd, AA 09: 441, KANT, 1996, p. 11). Isso significa, entre outras coisas, que o ser humano não nasce pronto. Ou, de uma outra forma, como diz Celso de Moraes Pinheiro, “com isso, Kant mostra que o processo de educação cabe, inteiramente, ao homem, e apenas a ele” (PINHEIRO, 2007, p. 33).

E, por *educação* propriamente, continua ele, “[...] entende-se o *cuidado* de sua infância (a conservação, o trato), a *disciplina* e a *instrução* com a formação” (KANT, 1996, p. 11, *grifos acrescentados*). O *cuidado* seria “[...] as precauções que os pais tomam para impedir que as crianças façam uso nocivo de suas forças” (Idem). O cuidado é algo que, de certa forma, os animais não precisam, já que eles, “[...] logo que começam a sentir alguma [força], usam as próprias forças com regularidade, isto é, de tal maneira que não se prejudicam a si mesmos” (Idem).

“A disciplina transforma a animalidade em humanidade” (Idem.). Ela é o tratamento através do qual se tira do ser humano a sua selvageria (conforme KANT, 1996, p. 12.), pois “a selvageria consiste na independência de qualquer lei” (Ibidem p. 12.). Portanto, a disciplina consiste em submeter o ser humano às leis da humanidade e, conseqüentemente, aos preceitos da razão (conforme KANT, 1996, p. 12-13.), para que ele não siga “[...] imediatamente cada um de seus caprichos” (Ibidem, p. 13.).

Já a última parte, a *instrução*, é entendida também, pode-se dizer, como *formação* e como *cultura* (conforme OLIVEIRA, 2004, p. 456, conforme também OLIVEIRA, 2006, p. 74, conforme também ROANI, 2007, p. 19.) e se refere tanto à “[...] formação geral da humanidade para além da animalidade na raça humana” (OLIVEIRA, 2004, p. 456) quanto a “[...] processos educacionais mais específicos dirigidos a grupos particulares assim como a indivíduos” (Idem).

### 3 A DISCIPLINA

#### 3.1 DISCIPLINA: A TRANSFORMAÇÃO DA ANIMALIDADE EM HUMANIDADE

##### 3.1.1 A TRANSIÇÃO DA ANIMALIDADE EM HUMANIDADE NA OBRA *IDÉIA DE UMA HISTÓRIA UNIVERSAL DE UM PONTO DE VISTA COSMOPOLITA*

Focalizar-se-á neste texto apenas a *introdução* da obra, pelo fato de se entender que esta contém elementos suficientes para o objetivo do texto. E deter-se-á, em primeiro lugar, o aspecto *disciplina*, especificamente, pelo fato de este conter relações com as obras citadas na introdução do presente texto e que são **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita** e **Início conjectural da história humana**.

Como já visto, Kant afirma a respeito da *disciplina* em **Sobre a pedagogia** que ela “transforma a animalidade em humanidade” (KANT, 1996, p. 11, *itálicos acrescentados*). Essa transição, essa passagem requer, como diz Pinheiro, “[...] que possamos desenvolver em nós mesmos a humanidade, estabelecendo princípios bons, disciplinando nossas tentações, enfim, reconhecendo o primado da razão sobre o instinto” (PINHEIRO, 2007, p. 40).

A ideia da *passagem*, por assim dizer, *da animalidade à humanidade* já ocorre em algumas obras anteriores à **Sobre a pedagogia**, como, por exemplo, **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**, publicada em 1784 (conforme KANT, 1986, p. 09, nota de rodapé nº 01 do tradutor.). Essa obra trata da “[...] história da liberdade em seu *desdobramento* [...]” (KANT, 2009, p. 157, *itálicos acrescentados*), ou do “[...] *desdobramento da história* do agir humano [...]” (Idem, *itálicos acrescentados*). Lá, na denominada **Sétima Proposição**, Kant entende que se pode aceitar que a natureza segue “[...] um curso regular para conduzir a nossa espécie aos poucos *de um grau inferior de animalidade até o grau supremo de humanidade* [...]” (KANT, 1986, p. 18, *itálicos acrescentados*).

Desse modo, através da observação da história da liberdade em seu desdobramento, isto é, do desdobramento da história humana, Kant entende que se pode perceber nela um *curso regular*, ou um “[...] fio condutor [...]” (Ibidem, p. 10.), que conduziria a espécie

humana do grau inferior da animalidade para o grau supremo da humanidade. Essa passagem da animalidade à humanidade poderia ser percebida, portanto, na história, mais propriamente no decurso da história humana.

Entretanto, diferentemente de **Sobre a pedagogia**, nessa obra, o que operaria a transição da animalidade à humanidade não é propriamente a disciplina e sim o que Kant denomina de “[...] *insociável sociabilidade* [...]” (Ibidem, p. 13.), o antagonismo presente na espécie humana, que é então o meio que a natureza utiliza para realizar esse propósito (conforme KANT, 1986, p. 13). Esse antagonismo consiste na tendência dos seres humanos a entrar em sociedade que está ligada a uma oposição geral que ameaça constantemente dissolver essa sociedade (conforme KANT, 1986, p. 13.).

Portanto, essa *tensão* (conforme TERRA, 1986, p. 52), pode-se dizer, entre a tendência de entrar em sociedade e a oposição a essa mesma sociedade é o que impele a espécie humana ao progresso, no entender de Kant e, assim, a faz caminhar do grau inferior da animalidade para o grau supremo da humanidade.

### 3.1.2 A TRANSIÇÃO DA ANIMALIDADE EM HUMANIDADE NA OBRA *INÍCIO CONJECTURAL DA HISTÓRIA HUMANA*

A ideia da *transição da animalidade à humanidade* também ocorre na obra intitulada **Início conjectural da história humana**. Esta obra, “escrita em 1785, embora publicada em 1786 (conforme AK vol. X, p. 393)” (FACKENHEIM, 1956/1957, p. 382, nota de rodapé nº 3.), trata, por assim, dizer, da “[...] história do *primeiro* desenvolvimento da liberdade [...]” (KANT, 2009, p. 157. *Itálicos acrescentados.*), ou seja, do *primeiro início* da história humana (conforme KANT, 2009, p. 157.) e nela Kant apresenta a teoria dos *primeiros passos da razão*, que seria propriamente o início do desenvolvimento da razão.

E, assim, após conjecturar sobre o *primeiro* desenvolvimento da liberdade, já a caminho da conclusão dessa obra, Kant afirma que

a partir dessa apresentação da primeira história da humanidade resulta o seguinte: a saída do homem da sua primeira morada, representada por meio da razão como o paraíso, foi *a passagem da rudeza de uma criatura meramente animal para a humanidade*, foi *a passagem das andadeiras do*

*instinto para a condução da razão*, em outras palavras, foi a passagem do estado de tutela da natureza para o estado de liberdade (KANT, 2009, p. 161, *itálicos acrescentados*.)

A apresentação da primeira história da humanidade, mais propriamente das conjecturas sobre ela, é, *grosso modo*, a apresentação dos *primeiros passos da razão*, isto é, do início do desenvolvimento da razão e tal coisa significaria a *saída do ser humano de sua primeira morada*. Morada essa representada pela razão como o *paraíso terrestre*.

Assim, a saída do suposto paraíso, ou seja, o início do desenvolvimento da razão, ou ainda os seus *primeiros passos* designam a *caminhada* da espécie humana, da rudeza animal para a humanidade, a transição do guia do instinto pelo guia da razão, o transição do estado de tutela da natureza pelo o estado de liberdade. Pelas palavras de Valerio Rohden, “é pela *razão* que o homem deixa o suposto paraíso terrestre, passando da rudeza à humanidade, trocando o guia do instinto pelo da razão, o tutoramento da natureza pelo estado de liberdade” (ROHDEN, 1994, p. 105, *itálicos acrescentados*.)

Mas o que operaria a transição da animalidade à humanidade na obra **Início conjectural da história humana**? Novamente não é a disciplina, como na obra **Sobre a pedagogia**. Nessa obra, parece ser possível afirmar que é a razão propriamente dita. Pois, é através da razão que o ser humano se despede sua primeira morada. É a razão quem impulsiona o ser humano a sair desse estado que ele considera um paraíso e o impele para o mundo, para que, dessa forma, desenvolva as suas capacidades e passe assim da animalidade à humanidade.

É através do que Kant denomina de primeiros passos da razão que o ser humano sai do suposto paraíso terrestre. E essa saída significou, no entender de Kant, a passagem da rudeza de uma criatura meramente animal para a humanidade, numa palavra, a transição da animalidade à humanidade.

### 3.2 A QUESTÃO DO INSTINTO X RAZÃO

Ainda tratando de disciplina, na *introdução* da obra, porém enfocando agora a questão do instinto, Kant vai afirmar que “um animal é por seu próprio instinto tudo aquilo que pode ser [...]. Mas, o homem tem necessidade de sua própria razão. Não tem instinto, e

precisa formar por si mesmo o projeto de sua conduta” (KANT, 1996, p. 11-12). De acordo com isso, o ser humano deve extrair de si mesmo as suas normas, a sua conduta, o seu projeto de vida. Numa palavra, tem de criar por si mesmo a sua conduta, o projeto da mesma. A sua conduta não se encontra pronta, tem de ser produzida por ele mesmo.

Já um animal, ao contrário, tudo que é necessário para a sua sobrevivência, lhe é fornecido pelo instinto. O instinto o leva a ser tudo o que pode ser. O instinto é determinante em toda a sua existência, pois o animal utiliza apenas o instinto para agir (conforme PINHEIRO, 2007, p. 40-41). “Ao afirmar que o homem não possui instintos, Kant está mostrando que a determinação existencial e prática do homem não é como a dos animais, ou seja, os homens necessitam de sua razão para o estabelecimento das ações” (Ibidem, p. 41).

Mas essa razão não está pronta, ela tem de ser desenvolvida. É do que trata, por exemplo, a obra **Início conjectural da história humana**, isto é, o desenvolvimento da razão. Na introdução da obra, Kant, conjecturando a respeito do primeiro ser humano, afirma que “inicialmente, o novato precisou ser conduzido *somente* pelo instinto, essa **voz de Deus** a que obedecem todos os animais” (KANT, 2009, p. 158, **negritos de Kant, itálicos acrescentados**). Quer dizer com isso que, no princípio, o ser humano também agia somente pelo instinto, teve de ser conduzido por ele antes de iniciar propriamente o desenvolvimento de sua razão; antes de começar a dar os *primeiros passos da razão* (conforme KANT, 1992, p. 71). Porém, na medida em que ia desenvolvendo a razão, ia também o ser humano abandonando o guia do instinto, como é demonstrado ao longo da obra.

Já na obra **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**, diferentemente, Kant observa que

como em geral os homens em seus esforços não procedem *apenas instintivamente*, como os animais, nem tampouco como razoáveis cidadãos do mundo, segundo um plano preestabelecido, uma história planificada (como é, de alguma forma, a das abelhas e dos castores) parece ser impossível” (KANT, 1986, p. 10, *itálicos acrescentados*).

Aqui, ou seja, já no *desdobramento da história do agir humano*, não mais no primeiro início da história humana, Kant assevera que o ser humano não age *apenas* de forma instintiva, como os animais e nem também como um razoável cidadão do mundo. Ele já não age mais somente pelo instinto, como antes, leia-se como no primeiro início da história humana, mas nem, também, apenas de forma racional.

Procurando-se fazer um *arremate* das três obras sobre o que foi colocado brevemente a respeito do instinto, pode-se dizer que, *inicialmente*, ou seja, na história do *primeiro* desenvolvimento da liberdade ou no *primeiro início* da história humana, o ser humano foi conduzido somente pelo instinto.

Ainda nessa obra, mas após aprender a desenvolver sua razão, o ser humano foi abandonando o instinto, mas sem nunca o largar completamente. Pois, como se viu na obra que pode ser vista como a sequência da primeira, por tratar do *desdobramento da história do agir humano* e não mais de seu início, o ser humano não age nem *apenas* de forma instintiva, nem apenas de forma racional. Age, portanto, das duas formas. Utiliza tanto o instinto quanto a razão no seu proceder.

Na obra **Sobre a pedagogia**, como já visto, Kant afirma que o ser humano tem necessidade de sua própria razão e não tem instinto. Ou seja, o ser humano precisa de sua razão para estabelecer suas ações, para estabelecer sua conduta. Pois “a natureza pode nos fornecer um certo número de respostas, mas não a totalidade [...]” (PINHEIRO, 2007, p. 41). Totalidade esta que o ser humano vai ter de encontrar por si mesmo, pode-se dizer.

### 3.3 O SER HUMANO TEM DE EXTRAIR TUDO DE SI MESMO

Portanto, o ser humano não nasce pronto e não tem todas as respostas de que necessita para viver. E, assim, prossegue Kant em **Sobre a pedagogia**, “a espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que pertencem à humanidade” (KANT, 1996, p. 12).

Também na obra **Ideia**, Kant reitera tal coisa quando diz que “a natureza quis que o homem tirasse inteiramente de si tudo que ultrapassa a ordenação mecânica de sua existência animal [...], *livre do instinto, por meio da própria razão*” (KANT, 1986, p. 12, *itálicos acrescentados*). Logo adiante, arremata dizendo que,

tendo dado ao homem a *razão* e a *liberdade da vontade* que nela se funda, a natureza forneceu um claro indício de seu propósito quanto à maneira de dotá-lo. *Ele não deveria ser guiado pelo instinto, ou ser provido e ensinado pelo conhecimento inato; ele deveria, antes, tirar tudo de si mesmo* (KANT, 1986, p. 12, *itálicos acrescentados*).

Desse modo, o ser humano tem de extrair de si mesmo e de forma gradual as suas disposições naturais e com suas próprias forças, ou seja, por meio da própria razão. Não deve ser guiado pelo instinto e sim por sua própria razão. Kant entende que o ser humano tem de *extrair tudo de si mesmo* porque é como se a natureza quisesse que ele se elevasse por si mesmo, “[...] por meio de seu trabalho *da máxima rudeza à máxima destreza e à perfeição interna do modo de pensar [...]*” (Idem, *itálicos acrescentados*.).

### 3.4 A DISCIPLINA E A SUA RELAÇÃO COM A DETERMINAÇÃO DO SER HUMANO: A HUMANIDADE

Kant, dando prosseguimento ao texto, relacionará novamente disciplina e humanidade em **Sobre a pedagogia**. Desta vez, a disciplina está implicada com o que Kant denomina de a *determinação do ser humano*. Por suas palavras, “a disciplina impede que o ser humano se afaste, através de seus impulsos animais, de sua determinação, a humanidade” (Kant, Päd., AA 09: 442. KANT, 1996, p. 12.). Ou seja, nesse momento, disciplina tem implicação com o que Kant chama de a *determinação do ser humano*, a saber, a humanidade. Aqui ela impede que o ser humano se desvie de sua determinação, ou mais alto fim, talvez possa se dizer, isto é, da humanidade.

Mais adiante, ele vinculará a arte da educação com a consecução desse fim ou dessa determinação. Por suas próprias palavras, “a arte da educação ou pedagogia deve, portanto, ser **raciocinada**, se ela deve desenvolver a natureza humana de tal modo que essa possa conseguir o seu destino” (Ibidem, p. 22, **negritos de Kant**.).

### 3.5 A METÁFORA DA ÁRVORE: COMPARAÇÃO ENTRE DISCIPLINA E UNIAO CIVIL

Em pelo menos mais uma passagem da *Introdução* de **Sobre a pedagogia**, Kant parece se referir à disciplina ou ela parece estar envolvida. Comentando a respeito da educação dos príncipes, aos quais também se deve fazer *resistência* (conforme KANT, 1996,

p. 24.), Kant exemplifica dizendo que, “uma árvore que permanece isolada no meio do campo não cresce direito e expande longos galhos; pelo contrário, aquela que cresce no meio de uma floresta cresce ereta por causa da resistência que lhe opõem as outras árvores, e, assim, busca por cima o ar e o sol” (Idem.).

Como Kant entende a disciplina enquanto algo que deve *conter* o ser humano (conforme KANT, 1996, p. 12.) “[...] de modo que não se lance ao perigo como um animal feroz, ou como um estúpido” (Idem.) e também como o *tratamento* através do qual se tira do ser humano a sua selvageria (conforme KANT, 1996, p. 12.), lembrando que “a selvageria consiste na independência de qualquer lei” (Idem.), parece ser possível perceber na metáfora, por assim dizer, da árvore, que Kant também esteja se referindo à disciplina. Além disso, a disciplina também consiste, como já visto, em submeter o ser humano às leis da humanidade e, conseqüentemente, aos preceitos da razão (conforme KANT, 1996, p. 12-13.). Portanto, parece que metáfora da árvore pode ser aplicada ou relacionada ao que Kant entende por disciplina em **Sobre a pedagogia**.

Porém, essa *passagem da árvore* também ocorre na obra **Ideia**. Lá, referindo-se propriamente à *união* civil, que seria, grosso modo, a possibilidade de a liberdade de um coexistir com a liberdade dos outros, Kant diz que

apenas sob um tal *cerco*, como o é a *união civil*, as mesmas inclinações produzem o melhor efeito: assim como as *árvores* num bosque, procurando roubar umas às outras o ar e o sol, impelem-se a buscá-los acima de si, e desse modo obtêm um crescimento belo e apumado, as que, ao contrário, isoladas e em liberdade, lançam os galhos a seu bel-prazer, crescem mutiladas, sinuosas e encurvadas (Ibidem, p. 15, *itálicos acrescentados*).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apenas a título de algumas considerações finais, quer-se enfatizar que se procurou mostrar, de forma breve, algumas vinculações entre a obra **Sobre a pedagogia** e **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita** e **Início conjectural da história humana**.

**Sobre a pedagogia**, o maior texto de Kant sobre o *tema da educação*, como diz

Mário Nogueira de Oliveira (conforme OLIVEIRA, 2006, p. 71), é muitas vezes considerada uma obra do *suposto* período de senilidade do filósofo, por ter sido publicada um ano antes de sua morte, em 1803. Porém, como se procurou mostrar ao longo do texto, há certas ideias que nela ocorrem que já ocorreram em outras obras do filósofo, em especial as de sua filosofia da história, como, por exemplo, **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita** e **Início conjectural da história humana**. Essas ideias dizem respeito à passagem do ser humano da *animalidade à humanidade*; ao fato de o ser humano não poder utilizar somente o *instinto*, necessitando extrair de si mesmo determinadas qualidades, através do exercício de sua razão; à *ideia de uma determinação da humanidade ou de um fim mais alto da humanidade*, que é a determinação moral. Foi o que se procurou mostrar.

## REFERÊNCIAS

### Livros:

KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. (Tradução de Francisco Cock Fontanella: *Über Pädagogik*). UNIMEP: Piracicaba, 1996.

PINHEIRO, Celso de Moraes. *Kant e a educação: reflexões filosóficas*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007.

### Capítulos de livro:

KANT, Immanuel. Comienzo presunto de la historia humana. In: *Filosofía de la historia*. (Prólogo e tradução de Eugenio Ímaz). México: Fondo de Cultura Económica, 1992, (Colección Popular: 147), p. 67-93.

\_\_\_\_\_. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. (tradução de Rodrigo Naves e Ricardo Terra). São Paulo: Brasiliense, 1986, (Coleção Elogio da Filosofia).

TERRA, Ricardo. Algumas questões sobre a filosofia da história em Kant. *Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. (tradução de Rodrigo Naves e Ricardo Terra). São Paulo: Brasiliense, 1986, (Coleção Elogio da Filosofia), p. 43-74.

### Revistas:

FACKENHEIM, Emil L. von. Kant's Concept of History. *Kant Studien*, v. 48, 1956/1957, p. 381-398.

KANT, Immanuel. Início conjectural da história humana. (tradução de Joel Thiago Klein). *ethic@*: Florianópolis, v. 08, n. 1, Junho/2009, p. 157-168.

OLIVEIRA, Mário Nogueira de. Para inspirar confiança: considerações sobre a formação moral em Kant. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 29 (1): 69-77, 2006.

\_\_\_\_\_. A educação na ética kantiana. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, nº 3: 447-460, 2004.

ROANI, Alcione Roberto. A formação do caráter e da autonomia na filosofia da educação de Kant. *Revista de Ciências Humanas*, Frederico Westphalen, v. 8, nº 11: 13-30, Dez 2007.

ROHDEN, Valério. Sociabilidade legal uma ligação entre direito e humanidade na 3ª Crítica de Kant. *Analytica*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 2, p. 97-106, 1994.

SANTOS, Robinson dos. Educação moral e civilização cosmopolita: atualidade da filosofia prática de Kant. *Revista Iberoamericana de Educación*, nº 41/4, 2007, p. 01-10.